

# POR QUE OS SONHOS NÃO ENVELHECEM?

Roberto D'Arte

18

**Em 2022 teremos uma celebração** muito especial para a Música Popular Brasileira. O icônico disco “Clube da Esquina”, de Milton Nascimento e Lô Borges, completará 50 anos de lançado. O álbum apresentou ao mundo mais do que o resultado de uma parceria musical de rara beleza; ele foi uma espécie de marco zero de um movimento artístico e existencial nascido na bucólica Belo Horizonte da segunda metade da década de 1960, envolvendo amigos, música, cinema e literatura.

Para quem ama ver esse tipo de história contada sob a ótica da sétima arte, há algumas produções interessantes, a exemplo do documentário “Sobre Amigos e Canções” (de 2008, dirigido por Bel Mercês e Leticia Gimenez, disponível no YouTube) ou da recente série “Milton e o Clube da Esquina” (de 2020, exibida no Canal Brasil/Globoplay). No entanto, fica a frustração do cancelamento em 2018 do projeto “Clube da Esquina, o



Fernando Brant e Ronaldo Bastos (alto, à esquerda), Lô Borges (alto, à direita), Toninho Horta (ao volante) e amigos fugindo de Belo Horizonte, a bordo do jipe Manoel Audaz.

Filme”, com direção de Daniel Veloso e Eduardo Zunza, cujo trailer pode ser assistido no YouTube. Ele começou a ser produzido em 2011, tendo como referência o fantástico livro “Os sonhos não envelhecem – Histórias do Clube da Esquina”, de autoria do poeta e compositor Márcio Borges, um dos principais articuladores do grupo de artistas mineiros.

Justamente Márcio Borges, em parceria com o grande amigo Milton Nascimento e com o irmão Lô, compôs a canção “Clube da Esquina 2”, cuja letra resume com maestria o espírito de aventura, liberdade e amizade que permeou o movimento musical nascido nas Gerais. Algumas partes dela parecem verdadeiras sínteses filosóficas que norteiam a natureza humana.

“*Porque se chamavam moços, também se chamavam estrada, viagem de ventania (...)*”. A música já começa assim, como que traduzindo uma das fases de vida mais determinantes para qualquer pessoa: a juventude. Nela se delineiam erros e acertos, percebidos muitas vezes na pele e sem segunda chance para reparos. É a fase do querer pôr os pés na estrada, ganhar mundo, alargar horizontes, respirar outros ares, desprender-se dos laços naturais de família... Esta “viagem de ventania” tem dissabores, é certo, mas é necessária como passaporte para o universo adulto.

“*Porque se chamavam homens, também se chamavam sonhos, e sonhos não envelhecem (...)*”. Como um dos grandes letristas do Clube da Esquina, Márcio Borges voa alto nesta parte da música e sintetiza com

precisão o principal combustível que torna possível a jornada de qualquer mortal, especialmente na fase adulta: a esperança. Se na infância sonho e fantasia são a mesma coisa e na juventude sonhar é tecer planos acima do alcance das mãos, na maturidade os sonhos são sinônimos de pés no chão e olhos no futuro.

*“E basta contar compasso, e basta contar consigo, que a chama não tem pavio (...)”*. Aqueles que acreditam que não há idade para sonhar são os que também acreditam e contam sempre consigo, mesmo diante dos maiores desafios. É como se carregassem uma chama de coragem e determinação que não se apaga. Faltam no mundo pessoas assim: contrapontos capazes de amenizar o peso-morto dos perversos, dos acomodados, dos frustrados e dos derrotistas, que impedem de andar a si próprios e a quem mais possam contagiar.

*“(...) e lá se vai mais um dia (...)”*. O tempo voa e, antes mesmo que percebamos que ele já deixou para trás grande parte de nossas vidas, vão ficando escassas as chances de recomeços. O problema nisso tudo não é a constatação de que o tempo passa igualmente para todos, mas de que um tanto dele seja perdido com coisas rasas, obrigações burocráticas e pessoas vazias.

Porque os sonhos não envelhecem, resta-nos nestes tempos sombrios que assolam a humanidade vislumbrar caminhos de sol nas utopias cotidianas.